

Conjuntura, Psicologia e Direitos Humanos

I – O impulso vital da democracia

Vivemos uma conjuntura de retrocessos e de perda de direitos, o pior momento dos últimos 40 anos, desde quando a ditadura civil-militar (1964-1985) deu início à “distensão lenta, gradual e segura”.

Mesmo durante a fase final da ditadura vivemos uma pujança da sociedade civil: construímos a CUT e o MST; as CEBs; as entidades de Educação Popular; as pastorais sociais; as entidades de Direitos Humanos; as entidades de pesquisa e pensamento crítico como o CEBRAP e a SBPC.

A esquerda se organizava legalmente, como o PT; partidos clandestinos se legalizavam, como o PC e o PC do B.

Com o final da ditadura tivemos o Congresso Constituinte (1987-1988) e toda uma sequência de governos com legitimidade democrática: Collor, Itamar, FHC, Lula e Dilma, sendo que cada um trouxe alguma contribuição para a consolidação da ordem democrática e para a realização dos direitos sociais.

A Constituição de 88 foi o marco fundante deste novo período histórico, ela mesma produto de uma forte participação social. Durante a Constituinte os movimentos sociais ocuparam as galerias do Congresso Nacional, interviram nas Comissões e Sub-Comissões e deram a sua contribuição para a elaboração dos artigos da Constituição.

Desde a luta contra a ditadura até o início da retomada da democracia havia um impulso vital destruindo o velho e construindo o novo, sistematicamente.

II – O novo pactua com o velho

No entanto, ao longo do tempo, institucionalmente, o novo foi se associando ao velho e se deixando impregnar, lentificar e até paralisar por ele, incorporando muito do seu modo de ser, pensar e agir – o novo foi se metamorfoseando no velho, em muitas práticas políticas e posturas ideológicas.

A ausência de polarização ideológica, política e institucional, pelo contrário, este estranho amálgama, que também não era amálgama, mas um desarmamento do novo frente ao velho, fez com que este percebesse que havia chegado o seu momento frente a um ex-inimigo desarmado – e deu o golpe.

III – A agenda do ódio

O que não se imaginava era que este velho voltasse com uma carga tão grande de ressentimentos e de ódios contidos, uma agenda que remete às elites escravocratas e que denuncia que no Brasil nunca fizemos uma transição com ruptura, mas sempre de composição e de permanência do status anterior.

Esta permanência sucessiva do passado produziu um “lençol freático” na sociedade brasileira, composto por sentimentos, visões de mundo, do outro, da mulher, do negro, do índio, do trabalhador, do pobre, do convívio social, que atravessou séculos sem solução de continuidade, sem um corte, uma ruptura, uma derrota, uma negação coletiva, sem um confronto armado, sem sangue, sem morte.

Esse “lençol freático” veio à tona da sociedade brasileira do século XXI com idéias e sentimentos plenos de antiguidades das mais decadentes, mas sucessivamente validados, chancelados, legitimados pela ausência de qualquer negação em alto e bom som, sem mortos em campos de batalha, mas sempre com a falsa paciência e o forçado respeito imposto a ferro e fogo, na verdade a obrigação da passividade das novas elites sobre a sociedade, em suma a vitória sequencial das velhas elites de sempre sobre cada nova elite e sobre o povo brasileiro como um todo.

IV – Uma luta amarga

A quebra institucional de 2016 colocou o país numa perda permanente de perspectiva, num autêntico vôo cego.

Vivemos o desfazimento de conquistas que se imaginava consolidadas. Vivemos numa resistência permanente, sem nenhum impulso de construção, mas sempre num esforço brutal pela manutenção do já conquistado.

Durante a ditadura se lutava muito para destruir uma ordem e para construir outra, a partir de baixo, o que era prazeroso e criativo. Hoje se luta para que o desprazer do mal não se imponha sobre o bem construído com prazer.

Trata-se de uma luta amarga e depressiva, marcada pela morte, por Tântatos, quando a primeira era guiada por Eros. Temos, inclusive, a impressão de que conhecemos mortes demais, por problemas de saúde, de companheiras e companheiros militantes neste período recente.

Os defensores da morte, de Tântatos, da ignomínia, da desumanidade, não têm mais vergonha, recato ou constrangimento moral em mostrar sua cara, sua fala, seu rosto desfigurado pelo ódio, sua fala histérica, alucinada, desumana.

Tempos de prevalência da morte, de vitória da morte sobre a vida.

IV – A Psicologia neste tempo

A Psicologia, como ciência humana, pode se impregnar deste “espírito do tempo” e colocar-se ao seu serviço ou pode, como ciência humana, participar do combate a este tempo, num desafio maior que durante a ditadura.

Para tal combate da Psicologia, o paradigma dos Direitos Humanos pode ser fundamental, como utopia a ser construída no cotidiano, galvanizando, agregando, organizando Eros no enfrentamento de Tântatos, que se insinua por todo lado.

Neste sentido, a Psicologia pode ajudar a sociedade a sepultar seus mortos insepultos; a fazer todos os lutos que não quis, ou não pode, fazer; a deixar o passado ser passado, com suas antiguidades devidamente despotencializadas, sem força para atuar hoje – como um quadro pendurado na parede, mas que não doa mais.

A Psicologia pode ajudar a sociedade e as pessoas a libertarem-se dessa mistura de rancores e ódios ancorados num tempo que já não existe mais e abrirem-se para um tempo acolhedor do que a sociedade tem de melhor, de mais fecundo, de mais solidário, de mais construtivo, de mais humanamente divino.

V – A fundação de um novo tempo

O esforço deve ser na direção de irmos além da resistência, para constituirmos um novo tempo histórico, no qual o passado seja transformado em aprendizado para um novo fluxo vital e criativo, no qual a morte seja vencida pela força fundante da vida.

Plasmar a ação da Psicologia com o paradigma dos Direitos Humanos é potencializar a ambos como projetos humanos civilizatórios.

A Psicologia, como ciência e profissão, deve ser articulada com tudo o que existe de vivo e pulsante na sociedade: movimentos sociais, pensamento crítico, arte nas suas variadas formas, ciências humanas e históricas, filosofia, ética, teologias, tudo vale para o esforço de constituirmos uma nova vaga histórica, transformadora e fundadora de um novo tempo, “como águas de março rompendo o verão”.

Por fim, lembrando dois poetas da atual Catalunha rebelde:

*"Com sofrimento e em chave de tempo
Podíamos vencer, assim na luta
Que lutamos faz tanto tempo
Chave de tempo, na solidão talvez,
Acumulando em cada um a força
De todos, projetando-a para fora
Sulco após sulco no mar cotidiano
Passo após passo, vontade de aurora"*

Ara Mateix

Miquel Martí I Pol

Lluís Llach